

Freedas Crew: Pintando Com um Grupo de Mulheres

Freedas Crew: Painting With a Group of Women

Thyanne Tavares Freitas

Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará
Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará
E-mail: thay.tfreitas@gmail.com

Evandro de Sousa Bonfim

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Bolsista Fapesp (2015/26464-9)
E-mail: evandrobomfim@hotmail.com

Endereço: Thyanne Tavares Freitas

Endereço: R. Augusto Corrêa, 1 - Guamá, Belém - PA,
66075-110

Endereço: Evandro de Sousa Bonfim

Endereço: Quinta da Boa Vista, São Cristóvão - Rio de
Janeiro, RJ – Brasil, CEP: 20940-040.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 25/06/2016. Última versão
recebida em 20/07/2016. Aprovado em 21/07/2016.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

O presente artigo faz parte da minha pesquisa de mestrado em andamento sobre um coletivo de mulheres que grafitam na Grande Belém, chamado Freedas Crew. O texto tem como base um relato etnográfico associado a reflexões teóricas sobre a oficina “Vivência para Mulheres”, ministrada pela artista visual e grafiteira Michelle Cunha em 2014, na qual originou a *Crew*. Reuniu 9 mulheres (das 15 inscritas), durante dois meses no Casa-Ateliê Sopro, no bairro da Campina em Belém-PA. Destaca-se a experimentação como metodologia de pesquisa, pois a autora do texto participou da oficina e, por consequência, tornou-se integrante das Freedas. Se a observação-participação da fundação e vivência de um coletivo de arte feminina apreende alianças, conflitos, resistências e sociabilidades existentes no processo do *graffiti*, aprender essa arte conjuntamente com outras mulheres iniciantes traz reflexões e experiências diferenciadas. Para tal, o diálogo é traçado com Roy Wagner, partindo de sua teoria da cultura como “invenção”, que coloca em relação antropólogo e nativo, além da sociologia carnal de Wacquant, que procura desenvolver uma sociologia a partir do corpo.

Palavras-chave: Arte Urbana. Graffiti. Experimentação. Freedas Crew. Mulheres.

ABSTRACT

This article is part of my master's degree research in progress about a collective of women who graffiti in Belém, called Freedas Crew. The text is based on an ethnographic reporting associated with theoretical reflections on the workshop "Women's experience", administered by visual and graffiti artist Michelle Cunha in 2014, which led to the Crew. Brought together 9 women (of the 15 enrolled), for two months in the Casa-Ateliê Sopro, in the neighborhood of Campina in Belém-PA. It highlights the experimentation as research methodology, because the author of the text took part in the workshop and consequently became member of the Freedas. If the observation-participation of the foundation and experiencing of a female art collective seizes alliances, conflicts, resistances and sociability that exist in the process of graffiti, learn this art together with other beginner's women brings reflections and unique experiences. To this, the dialogue is delineated with Roy Wagner, from his theory of culture as "invention", which puts anthropologist and native relationship. Besides the carnal sociology of Wacquant, which seeks to develop a sociology from the body.

Keywords: Urban Art. Graffiti. Experimentation. Freedas Crew. Women.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo pretendo refletir sobre o meu trabalho de campo que se encontra em andamento com as Freedas Crew, mulheres grafiteiras da cidade de Belém-PA¹. Partirei de um evento específico – uma oficina de graffiti ministrada pela artista plástica e grafiteira Michelle Cunha, posteriormente desdobrou na criação de uma “Crew”² de mulheres chamada Freedas, e que desde então, empreende mações na “cena”³ do graffiti na Grande Belém.

Baseada na vivência com os sujeitos dessa arte, o graffiti é uma intervenção artística visual que utiliza como principal “tela”⁴ o muro. A partir da experimentação foi possível praticar e pensar o graffiti como forma de empoderamento e resistência. Cabe dizer que essa configuração é apenas uma das possíveis, e que tive acesso a essa por conta da sucessão de determinados eventos e aparatos conceituais, bem como por se tratar de uma *crew* só de mulheres que imprime uma performance de gênero (BUTLER, 2003) diferenciada, tendo em vista que o graffiti é uma arte predominantemente masculina.

O graffiti possui diversos dispositivos de comunicação entre artistas e “sociedade envolvente”, atrelados a sistemas de linguagem intra/extra grupos, passíveis a conflitos e alianças. Essa definição é apenas um esboço, pois não pretendo engessá-la, justamente ao perceber que mesmo entre as/os artistas a classificação carrega múltiplas assimilações e, quando definido, insere-se em determinados contextos.

Ao praticar, juntamente com as alunas da oficina, percebemos, pois em maioria somos aprendizes, que quando o “dar-receber-retribuir” (MAUSS, 2003) é rompido, o circuito de trocas é suspenso. Do mesmo modo, no momento em que estas trocas são respeitadas, cria-se uma relação de parcerias e pactos entre as/os artistas de rua.

O muro é o principal artefato de expressão para essa arte, e uma categoria nativa é esclarecedora para isto: a “tela”. O muro é a “tela”, o quadro dessa expressão artística por excelência. Lá podemos ver parcerias, saudações (“salve”⁵), rixas e duelos entre grafiteiras(os) e seus pares e/ou pixadores. Também é cenário de protestos e manifestações

¹ Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA, área de concentração Antropologia Social, na linha de pesquisa Gênero e Sexualidade. Pesquisa orientada pelo Dr. Fabiano de Souza Gontijo.

² *Crew* significa um grupo formado por vários grafiteiros(as) que assinam um nome em comum, fazem reuniões e se organizam coletivamente.

³ Cena é o que configura a paisagem, as redes de relações do *graffiti*, ou seja, o conjunto de *crews* e grafiteiros(as) ativos que formam o contínuo artístico.

⁴ Tela é o suporte onde a arte é realizada ou pode ser o mural já pronto.

⁵ Salve é uma homenagem a um outro grafiteiro(a) ou *crew* através da referência de seus nomes no *graffiti* realizado.

contra o Estado, o machismo (no caso de algumas meninas participantes da oficina) e outros tipos de violências.

Sendo assim, como falei anteriormente, o artigo terá como base principal um relato etnográfico sobre a criação de um grupo de mulheres no graffiti, a partir de uma oficina oferecida pela artista Michelle Cunha. No entanto, o foco da escrita será a experimentação como recurso de aproximação e pesquisa da “cena” do graffiti do processo artístico de mulheres aprendizes dessa arte, nos quais foram possíveis apreender os conflitos, as alianças, as resistências e sociabilidades existentes nesse fazer artístico.

A ideia é mais ou menos a seguinte: se a etnografia é o estudo objetivo e a subjetivação da diferença (LÉVI-STRAUSS, 2003), e podemos dizer que o graffiti e o ato de grafitar estão inseridos em um circuito de referenciais comuns, modos de produção artísticos e sociabilidades, ou seja, uma cultura, no sentido dado por Roy Wagner (2012), por que, então, não o experimentar? Principalmente levando-se em conta que o graffiti que estou estudando está em um contexto favorável para a minha experimentação, ou seja, uma grafiteira e artista visual que resolveu ensinar para outras meninas como grafitar, o que facilitou consideravelmente a minha inserção e prática dessa arte, levando-se em consideração a minha condição de mulher e interessada na expressão visual.

Destaco que a oficina e seus desdobramentos tem sido um campo primordial, pois trouxe a possibilidade de participar de todas as atividades como integrante, dando-me acesso a informações e percepções diferentes para alguém que pesquisaria apenas de forma “tradicional”. Afinal, todo um grupo de técnicas no sentido de (MAUSS, 2003, p.401) e adquirido através da experimentação, técnicas essas que transitam entre vários contextos, desde o graffiti oriundo da cultura *hip hop* americana, até suas atualizações em contextos latinos americanos e outros (CAMPOS, 2007; SILVA, 2008; MAGRO, 2002). Nessa guinada teórica, o corpo – no caso, o meu – é instrumento e técnica de pesquisa (WACQUANT, 2002). Portanto, procurarei explorar a definição de Lévi-Strauss (2003) de que, na antropologia social, o observador é da mesma natureza do observado. E que, muito parecido com o que Wacquant (2002, p.78) disse para o boxe, no graffiti também: “[a] apreensão indígena é, aqui, a condição indispensável de conhecimento adequado do objeto”.

2 VIVÊNCIA PARA MULHERES: OFICINA DE GRAFFITI E AS FREEDAS CREW

Aproximadamente às 14h do dia 21 de outubro de 2014, Michelle Cunha anunciou em uma rede social digital a seguinte proposta: “Vou começar a oferecer aulas de graça de pintura na rua só para mulheres que querem aprender a grafitar. Basta trazer seu material e ajudar a descolar o muro. Quem pilha?”. Esse foi o primeiro chamado para a realização de uma oficina de graffiti para mulheres realizadas na casa-ateliê Sopro da artista, e que atraiu o interesse de muitas pessoas que acompanhavam sua página digital.

Após essa postagem, a proposta da oficina foi se estruturando e ganhou o nome de “Vivência para mulheres – introdução ao graffiti e outras formas de intervenção urbana”. Michelle criou um evento virtual e apresentou com mais detalhes como seria, cobrou uma taxa de inscrição de valor simbólico para a compra de parte do material necessário para o andamento das oficinas, como: tinta à base d`água, rolinhos, papéis, compensados, pincéis e canetas coloridas. O único material solicitado para as possíveis participantes foi uma lata de *spray* a partir do segundo encontro.

A oficina teve um grande número de interessadas, mas só foram ofertadas 15 vagas que rapidamente foram preenchidas, inclusive criando-se, uma lista de espera, caso houvesse desistências. A primeira aula ocorreu no dia 31 de outubro e finalizou no dia 28 de novembro de 2014, totalizando quatro encontros. Como primeiro contato com as aprendizes, Michelle sugeriu uma breve apresentação de cada aluna expondo seus interesses para com a oficina. As garotas apresentaram diversas expectativas. Ester, por exemplo, conta que tinha proximidade com o graffiti por meio de seu companheiro que já grafitava há anos, mas que ela, por um longo tempo, só o acompanhava nas intervenções e que havia chegado o momento dela aprender também. Outras diziam se interessarem pela arte urbana e, como tinham habilidades com o desenho, encontraram na oficina a grande oportunidade de praticar. No momento da apresentação expus o meu objetivo como possível pesquisadora – pois estava em meio ao processo seletivo de mestrado – interessada no graffiti realizado por mulheres, juntamente com a minha curiosidade em aprender aquele tipo de intervenção urbana.

Os ensinamentos iniciais incluíram uma introdução ao vocabulário básico da arte de rua (“*bomb*”, “*tag*”, “*cap*”, “*rolê*”⁶...) e uma das principais regras de convivência que é a de

⁶*Bomb* é a assinatura do artista que são feitas com letras grossas e bem unidas umas as outras ou personagens. São feitos sem autorização e por isto são de rápida execução. *Tag* é a assinatura da(o) grafiteira(o) geralmente é um pseudônimo. *Cap* é uma espécie de “bico” acoplado na latinha de spray para que a tinta seja expelida. Existem diversos modelos que alteram a espessura do risco. *Rolê* é a busca de muro para intervenção que pode ser em local autorizado ou não.

não atropelar⁷ o trabalho de outra(o) artista. Alguns exercícios de desenho foram realizados com tinta “PVA” a base d’água, *spray*, canetinhas hidrocor e lápis de cor. Em outro dia de oficina ela se concentrou em ensinar como desenvolver sua própria “tag” e a afirmação de identidade na rua. Neste aprendizado, Michelle incentivou a construção de assinaturas com letras diferenciadas e a criação de um nome ou pseudônimo que poderia ser usado na rua. E, no fim deste dia, utilizando um compensado forrado com um papel pardo e canetões (uma espécie de canetinha, porém com a ponta grossa, muito utilizada para soltar “tags” em qualquer superfície discretamente) na mão foram feitas diversas “tags”, algumas com estampas, outras com sombreamento, noções de profundidade, geralmente construindo letras gordas, entrelaçadas e multicoloridas. Como no exemplo a seguir:

Figura 1 – Exercício sobre “tags” e “bombs”, na foto estou esboçando algumas letras estilizadas.



Autoria da foto: Michelle Cunha.

No terceiro dia, os exercícios detiveram-se na utilização a tinta “PVA” para colorir os papéis A4, posteriormente, fazer cortes aleatórios e de diversos tamanhos e cores. Estes foram colados em papel branco, construindo formas, seres, paisagens, deixando livre a imaginação. A ministrante da oficina incentivava a nossa criatividade, partindo da perspectiva que aquela colagem poderia estar em um muro, por meio da mistura de cores e de formas geométricas. Já no quarto encontro houve uma aula utilizando *spray*. Michelle solicitou que levássemos papelão, *spray* e estilete. O objetivo era que cada aluna elaborasse um “*stencil*” na forma desejada e que, no final da tarde, fizessemos nosso primeiro “rolê” Sairíamos pelo bairro da Campina atrás de um muro, preferencialmente de uma propriedade abandonada, para deixarmos nossas primeiras intervenções.

⁷ Atropelo/ passar por cima/ queimar/ cobrir – Realizar um *graffiti* sobre a intervenção (*graffiti*, *pixação*) de outra(o)artista ou crew.

Figura 2 – Personagens feitos com colagens de papéis coloridos e geométricos.



Autoria da foto: Michelle Cunha.

Na Rua Ferreira Cantão havia o muro de um prédio abandonado com muitos graffitis, “pixos”, imagens feitas a “*stencil*”, mas alguns espaços livres nos quais deixamos nossas primeiras marcas na cidade. Neste dia em especial éramos sete meninas: Walquíria, Michelle, Ester, Camila, Karina, Luana e eu. As meninas demonstraram segurança, principalmente porque estávamos sob a orientação e companhia de Michelle que era a mais experiente e escolheu o local de intervenção. Relembrando com algumas delas (via rede social digital) sobre o que sentiram naquela primeira experiência nas ruas e já praticando o “vandal”, pude verificar o quanto o evento foi marcante para cada uma; cada qual trazendo sua perspectiva.

Luana, ao comentar o que sentiu, disse que ficou contente ao ter nos encontrado. Naquele dia ela não havia participado da oficina, mas combinou que tentaria nos achar pelas ruas mesmo sem saber qual seria o muro. Quando nos encontrou ficou muito feliz e ao mesmo tempo desconcertada por não ter preparado nada (“*stencil*” ou ter levado material), mas se animou ao ser incentivada pelo grupo para escrever algo no muro: “Vai! Pega! Manda uma frase!”, “porque sempre que vou fazer algo com material assim que não é meu, fico cheia de medo de ‘ai, estou desperdiçando, não sei fazer isso, estou estragando’ sabe? Mas eu enfrentei isso, porque vocês me incentivaram”.

Figura 3 – Luana mostrando “ousadia” ao deixar sua marca no muro escalando a parede atrás de espaços livres para a sua frase.



Autoria da foto: Michelle Cunha.

Ester (Bisteka), relembando, disse que ficou nervosa principalmente porque o muro não era autorizado. Pensou na possibilidade “de alguém mandar a gente parar” (Ester, 2015, relato digital). Os transeuntes que ali circulavam demonstraram o seu espanto em se deparar com um grupo de meninas intervindo em uma parede em plena luz do dia. Muitos, ao passarem de carro, gritavam: “deixem de pixar, suas pixadoras!!” .

Já a Karina (Ka), por exemplo, comentou que sua vontade foi de “chegar no local e fazer” (Karina, 2015, relato digital), não se sentiu nervosa em intervir em um lugar público e, de certa forma, numa parede não autorizada, “eu achava que seria sempre tranquilo, eu senti muita tranquilidade, eu queria interagir com tudo!”, concluiu.

Essa conversa foi realizada alguns meses depois pela internet, a partir de mensagens individuais e não tive acesso as sensações de todas sobre aquele momento mas, ao estar com elas percebi o quanto estavam atentas ao fluxo de pessoas, à divisão de espaço na parede, à utilização de materiais (de acordo com o que aprenderam nas aulas), na interação entre elas ao se ajudarem com o “*stencil*”. Porém, das que conversei, foi possível trazer perspectivas diferentes sobre aquela ocasião e abordaram pontos importantes, como o apoio que Luana recebeu das outras meninas, mesmo que não tenha participado da aula de “*stencil*” e não tenha levado material para usar; o medo de Ester com a possibilidade de sermos interrompidas a qualquer momento, e a coragem de Karina em estar tranquila, mesmo sendo uma ocasião nova para muitas meninas que ali estavam presentes.

Aquele primeiro “rolê” foi uma experiência específica, por ter sido feita em grupo. Foi uma ação planejada e tinha o intuito de mostrar essa roupagem do graffiti que é o

chamado “vandal” e o “rolê”. Para meninas iniciantes, a atividade mostrou-se bastante desafiadora. Confesso que para mim foi um momento muito transgressor, ampliando novas possibilidades de estar na rua e interagir com ela. Naquele cenário urbano deixamos de fazer parte da massa de pessoas em movimento e nos colocamos como protagonistas naquele cenário que era a rua, na qual estávamos interferindo artisticamente no seu aspecto visual.

A oficina previa um “mutirão” como atividade de fechamento dos ensinamentos. Em conversas, no decorrer de uma das aulas da oficina, Michelle retomou a questão do “mutirão”, falando que existia uma chance de ele ser realizado na escola em que Walquíria lecionava como professora de artes. A integrante ficou responsável em negociar com o colégio, pois a ação seria em parceria com os alunos como atividade extracurricular.

Passados alguns dias, Walquíria trouxe o retorno do colégio, o qual se comprometeu em realizar a preparação do muro que seria executado pelos alunos na véspera. Os professores se juntaram para oferecer uma feijoada no almoço. Foi decidido que teríamos mais um encontro para planejar o painel. Foi escolhido um tema em comum para os desenhos. Para o encontro na véspera do evento ela pediu que fizéssemos esboços de ilustrações voltadas para rostos femininos, nem todas as meninas conseguiram comparecer a este planejamento no ateliê, mas foram comunicadas virtualmente das decisões para aquele dia.

No dia 06 de dezembro de 2014 ocorreu o “mutirão” em parceria com uma escola pública, localizada no bairro do CDP. Os alunos juntamente com a professora de Artes passaram a “PVA” no muro utilizando diversas cores, divididas em blocos de parede. Isso faz parte do preparo prévio do muro, considerando ser de praxe no graffiti que a “tela” já esteja com alguma camada de tinta antes do processo da pintura com *spray*. Michelle preparou um *flyer* convocando grafiteiras(os) a participarem da ação coletiva. Essa articulação com a “cena” local foi importante para a realização do evento.

Figura 4 – Muro do colégio com algumas intervenções. Nesta foto podemos verificar como os alunos fizeram a base dividida em blocos de cores variadas.



Autoria da foto: Thyanne Freitas

Karina e eu fomos as primeiras participantes da oficina a chegar no local. Marcamos de ir juntas por não sabermos direito o endereço da escola. Ao chegarmos lá, Walquíria estava no colégio e alguns grafiteiros já demarcavam seus espaços no muro. Os(as) alunos(as) que se encontravam no colégio colaboravam para organizar o local, enquanto um dos funcionários capinava a borda do muro.

De início, ficamos sem saber por onde começar, porque o evento seria o nosso primeiro “mutirão”, o que implicava um muro legalizado, os outros artistas no evento; além disso estaríamos expondo nosso aprendizado juntamente com grafiteiros experientes na arte de rua.

Aguardamos as demais meninas chegarem e principalmente a Michelle, mas soubemos através de uma ligação que ela demoraria, então resolvemos demarcar o muro. Percebemos que a parede do colégio localizada na rua principal do bairro (rua esta que passam as principais linhas de ônibus seria atingido pelo sol a manhã inteira) já havia muitas marcações e graffitis iniciados. Resolvemos, então, marcar um pedaço na rua paralela, a qual estaria a entrada principal do colégio. É bom ressaltar que grafitar em um muro que tem alta visibilidade pela grande circulação de pessoas ou do fluxo de automóveis e transportes públicos é o local de preferência da maioria.

Pegamos um pedaço consideravelmente grande para o grupo da oficina, suficiente para personagens de grande porte. Com um esboço do desenho em mãos, iniciamos o graffiti. Utilizamos giz de cera para fazermos o rascunho na parede, é de tempo em tempo, conferíamos a ilustração de certa distância, para assim, visualizar as possíveis imperfeições, torturas e falta de simetrias no desenho. Após o esboço no muro utilizamos a “PVA” para a

base dos rostos. Só assim, percebemos como as personagens se agigantavam, o preenchimento das ilustrações traz uma ideia da dimensão de como vai ficar o trabalho.

Com o decorrer do tempo, outros grafiteiros, alunos, professores e as meninas do grupo foram chegando. Camila foi a terceira menina a chegar e logo iniciou a base do seu “personagem”⁸ (ver figura 5). Michelle chegou algumas horas depois. Quando viu os desenhos, se assustou com o tamanho, mas gostou muito da iniciativa de termos começado sem ela por perto. Nesta ocasião mostramos autonomia e “sagacidade” (termo muito usado por praticantes do graffiti na cidade para elogiar atitudes corajosas, inéditas, de risco – algumas vezes – como pintar em lugares mais altos, por exemplo), mas no nosso caso foi principalmente pela grandiosidade do primeiro graffiti.

Antes de terminarmos o graffiti fomos convidadas para almoçarmos no interior do colégio. A feijoada foi feita e servida por alguns professores e foi o momento para conversarmos um pouco, já que na pintura nos falamos somente para troca de alguns materiais, pedidos de empréstimo da única escada disponível e outros assuntos que ficaram restritos ao grafitar.

Figura 5 – Imagem montada por Michelle Cunha com o intuito de apresentar o painel realizado pelas alunas da oficina.



Autoria das fotos: Michelle Cunha.

⁸ Personagem/persona – Ilustração desenvolvida pela(o) grafiteira(o) e que contem características (técnica, traço, cores, estética...) que são associadas ao estilo de seu autor.

Foi interessante perceber os olhares de surpresa dos grafiteiros ali presentes, ao ver meninas organizando e participando de um “mutirão” de graffiti. Percebia-se, claramente, que a maioria dos ali presentes eram grafiteiros e não estavam acostumados em ver tantas meninas grafitando juntas. Mesmo sabendo da existência da oficina e, que ali, estariam presentes juntamente com a Michelle.

Aproveito para inferir que a ação foi bem aceita pelo colégio, por ter havido uma articulação entre professores, alunos e artistas de rua que, ao se mobilizarem em prol de um mesmo objetivo, se envolveram e valorizaram a ação comparecendo ao evento. Ainda no muro, enquanto finalizava minha “personagem”, alguns alunos passavam contemplando, registrando com seus celulares. Ouvi comentários do tipo: “agora sim, isso é que é escola!”, “Se alguém “pixar” esse muro eu vou atrás”. Então, podemos perceber que envolver os alunos é aproximar a arte e, junto com ela, a valorização do que é feito, porque este “mutirão”, da maneira como foi organizado, incluindo-os (não só na base do muro, mas em espaços para também se expressarem através da pintura com *sprays* cedidos pela própria professora de artes) fez com que eles também se sentissem parte do processo e autores dos resultados. Sendo assim, o colégio ganha outro valor para os alunos.

Este evento foi importante também para o grupo de meninas por ter sido uma oportunidade de interação com os outros artistas, por ter sido um “mutirão” planejado por mulheres, além de ter sido uma experiência diferente no graffiti – como o tamanho do muro, o fato de ser liberado e aceito pelas pessoas que da escola usufruem. Todas essas questões intensificaram a vontade de pintarmos juntas e o próximo passo foi dado logo em seguida: a criação da “crew”.

O “Mutirão de graffiti por sonhos de paz e amor”, que acabei de descrever, foi o estopim para indicar a necessidade da criação de um grupo. Não que isso já não fosse previsto, mas o pintar compartilhado, a parceria no processo criativo do graffiti, a mobilização de cada integrante para a efetivação do muro foi determinante para a concretização das Freedas Crew. Em uma entrevista, realizada posteriormente a esta ocasião, Karina (Ka) considera o graffiti e o ato de grafitar uma atividade de grupo, pois diz que o

“graffiti era fazer parte de um grupo que faz graffiti,...primeiro, pra mim graffitti era pintar na rua né!?Antes de conhecer todo esse mundo do graffitti. Graffitti era pintar na rua, pintar com spray, saber como funciona o spray e usar os outros elementos como: rolinho, pva e tal...Pra mim isso era graffitti, depois graffitti era fazer parte de um grupo que, tipo,... Atores, uma classe artística... A classe dos atores, são feitas só por pessoas que atuam, aí eu imaginei assim: o graffitti deve ser a mesma coisa!”(Karina – Ka, 17 de fevereiro de 2016).

Por mais que a integrante perceba no decorrer de suas reflexões que o graffiti vai muito além de simplesmente pertencer a um grupo de grafiteiras(os), verifico que o ato de integrar uma crew e, conseqüentemente, fazer parte da cena como uma categoria maior, mostra importante e integra as múltiplas características do que é graffiti⁹.

Alguns dias depois da realização do “mutirão”, Michelle sugeriu a criação de uma “crew”. A escolha do nome ocorreu no dia 09 do mesmo mês. Fomos incentivadas a pensar em vários nomes e, assim, votar no que mais representasse o grupo e suas pretensões no graffiti. Surgiram nomes como “Crew das Créus”, “Pupilas Crew”, “Vem timbora Crew”, mas não tiveram o voto da maioria. A sugestão escolhida pelo grupo foi o “Freedas Crew”. Esse nome foi pensado para simbolizar resistência, superação e a liberdade de mulheres artistas. É uma espécie de anglicismo, com a junção da palavra *free* com o primeiro nome de Frida Kahlo, a qual se tornou nossa principal inspiração¹⁰.

Gostaria de reforçar mais uma vez que as minhas contribuições para com o grupo foram autorizadas e incentivadas pelas próprias meninas, que não só me viam como pesquisadora mas, principalmente, como integrante e, por este motivo, esperavam que eu somasse, de alguma, forma para o crescimento do grupo, seja nos momentos de ações artísticas, seja dando opiniões diversas, inclusive em alguns casos de conflitos (comum em qualquer meio social) (SAÉZ, 2013).

É importante salientar, também, que as Freedas não é a primeira “crew” de meninas na cidade, pois desde 2007 existe outro grupo (totalizando quatro integrantes) chamado “Ratinhas Crew” que foi criada pelas grafiteiras Marcelly Feliz (Cely é formada em Artes Visuais pela UFPA) juntamente com Érika Pimentel (Kika).

Portanto, desde a criação do nome o grupo passou a se organizar enquanto coletivo, realizando ações e participando dos processos criativos em conjunto. Logo, a página da crew e um grupo virtual foram criados na internet pois, dessa forma, os “muros” poderiam ser divulgados em a articulação com as integrantes.

Das quinze meninas inscritas na oficina somente nove delas participaram das aulas e destas, todas contribuíram para a formação da “crew”, exceto uma. Sendo assim, as Freedas inicialmente eram: Camila, Ester (Bisteka), Isabella (Bel), Karina (Ka), Luana (Lu), Michelle Cunha (Mic), Thyanne (Petit) e Walquíria (Kika). Atualmente o coletivo tem sete integrantes, Walquíria saiu da crew, Michelle Cunha se distanciou tornando-se a principal

⁹ Devo ressaltar que a integrante não vê como regra o ato de pertencer a crews, tendo em vista que o graffiti também é praticado por artistas independentes.

¹⁰ Para ter acesso a um texto sobre a criação da “crew”, consultar Freitas (2015).

parceira do grupo e a Juh foi convidada para compor as Freedas. Devo ressaltar que nem todas as meninas da “crew” se reconhecem como feministas, sendo assim, o grupo prefere ser reconhecido como um grupo feminino de graffiti, pois desta forma não se violenta a diversidade de visões de mundo presente na “crew”.

Desde sua formação muitas situações ocorreram, constituindo a história do grupo, como: os “salves” entre “crews” ou entre grafiteiras(os), casos de muros apagados por seus proprietários, a rejeição de personagens, uma situação de “atropelo”, abordagem policial em “rolês”, conflitos no próprio grupo, entrada e saída de integrantes e tudo o que a formação de um coletivo de graffiti comumente está vulnerável a passar.

Se olharmos para a teoria sociológica, o conflito sempre esteve presente, tanto teoricamente, quanto nos objetos de análises em diversas sociedades, seja ele positivado como na teoria de Simmel (1983) ou Leach (1996), seja ele negativo, como nas teorias estruturalistas de influência durkheimiana (o conflito como anomia). No graffiti não é muito diferente. Além dos desafios enfrentados durante as ações na rua existem também as internas ao grupo, como as situações de conflito. Tais situações são muito comuns em organizações coletivas e com as Freedas não foi diferente. Os conflitos ao meu ver reestruturaram, tanto o grupo em sua maioria foram conflitos positivados, no sentido dado por Simmel (1983), como um elemento comum à dinâmica da vida social.

3 MÉTODO

3.1 Experimentação no graffiti: proposta metodológica

A exposição desses dados etnográficos, nesse artigo, apontam algumas reflexões sobre a metodologia adotada, que não é comum “observação-participante”, e sim uma experimentação que busca ter um olhar “de perto e de dentro”:

capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI,2002, p.17).

A experimentação surgiu como possibilidade de maior interação com as grafiteiras. Foi uma chance de me aproximar das técnicas utilizadas no graffiti, pois possuo simpatia pela pintura, desenho e a arte de maneira geral. Sabia, de antemão, que haveria dificuldades em

relação a esta forma de pesquisar, mas em nenhum momento foi previsto, por mim, a dimensão de tais dificuldades pois, quando eu as imaginava, ficavam restritas às necessidades de “distanciamento” em relação às interlocutoras e de suas ações para, assim, conseguir problematizar os acontecimentos.

A princípio tentei manter distância de situações de conflito que me fizessem expor alguma opinião a respeito, mas isso ficou cada vez mais difícil, quando os embates se tornaram mais recorrentes e, conseqüentemente, o grupo passou a me exigir posicionamentos a respeito. Afinal, eu também pertencia ao coletivo e os problemas que o afetavam deveriam me afetar também. Porém, como vim de uma formação¹¹ que tornava o ato de pesquisar um tanto ortodoxo (com aquelas exigências já conhecidas na academia, como o distanciamento, escrita impessoal, imparcialidade), fui ao campo exploratório cheia de cautelas e fantasmas teórico-metodológicos, que vão se dissipando na medida em que aumenta o meu contato, tanto com o graffiti, quanto com a antropologia.

Logo na apresentação da oficina, identifiquei-me como estudante de pós-graduação e que estava ali também para realizar uma pesquisa. Concluí que esta seria uma forma de aproximação honesta e ética a ser feita. Com essa transparência, diante das minhas interlocutoras é possível cogitar sobre duas conseqüências: uma, seria me ver como uma forasteira ou “espiã” (ZENOBI, 2010), uma pessoa alheia aos acontecimentos, sem ao menos ser reconhecida pelo grupo como integrante e; a segunda, recairia sobre a minha aceitação como integrante ao processo de criação e intervenção nas ruas, além de me verem como uma oportunidade de documentação das ações desenvolvidas pelo grupo. Como adentrei à experimentação por meio de uma oficina, onde as demais participantes também eram aprendizes, de uma certa forma todas iríamos experenciar (WAGNER, 2012) a “cultura” do graffiti de maneira iniciática, o que me colocou no mesmo grau de aprendizagem. Eis que a segunda conseqüência me parece mais adequada ao trabalho de campo.

Segundo Michelle Cunha, a experiência que me propus a vivenciar proporciona percepções possíveis somente para quem está mergulhado na composição de acontecimentos do graffiti. Ela comparou com as pesquisas realizadas nos cursos de Artes, em que o pesquisador, geralmente, utiliza a sua própria vivência material de pesquisa. Diante disso, se eu fosse a campo com outra proposta de aproximação talvez não fosse legitimada perante o grupo, mas isso é uma inferência, tendo em vista que existem inúmeras pesquisas sobre o graffiti sem que haja a necessidade da experimentação por parte do pesquisadora(or), porém

¹¹ Graduação em Serviço Social.

devo admitir que a convivência está sendo um diferencial que ampliou a captura de outras percepções.

Certa vez, em plena manifestação popular em uma praça histórica no centro de Belém, Michelle, ao me apresentar para dois grafiteiros, disse que eu fazia parte das *Freedas Crew* e que estava realizando uma pesquisa sobre graffiti entre mulheres; comentou também sobre eu estar tão envolvida com o graffiti que mesmo querendo me afastar do grupo – até para conseguir centrar algumas perspectivas e apreensões –, não havia conseguido e dois dias depois lá estava novamente pintando com as meninas do coletivo. Enfatizou em sua fala o quanto o graffiti é um vício e é capaz de transformar a vida de quem o pratica, possibilitando novas amizades, novas experiências e a vontade de cada vez mais melhorar e praticá-lo.

É interessante perceber na experiência com a *crew* as mudanças no olhar quando, sem mais receios, deixei-me levar pelos fluxos do campo, pois o que antes não era visto – como se houvesse um “daltonismo” –, passou a ser percebido, trazendo novos elementos. Um exemplo são os próprios graffiti que passaram a revelar muito mais do que uma simples intervenção artística, pois eles comunicam através da linguagem circunscrita por símbolos e códigos que só quem tem uma relação estreita, ou pelo menos alguma relação, com essa rede de sociabilidade, é capaz de compreender, ou ser afetado por aquilo.

Além disso, a compra de material e o aprendizado de novas técnicas tornam-se uma obsessão. Busca-se frequentemente ter material em mãos para a qualquer momento utilizá-lo, caso haja um convite ou um possível “painel” da “*crew*”. Portanto, o graffiti se entrelaça à vida de quem o pratica, um exemplo claro desse encontro é o relato de uma grafiteira, que diz carregar em sua bolsa um *spray* pequeno de alta pressão e, ao voltar para casa, aproveita a oportunidade que a madrugada lhe proporciona, deixando pixos em seu trajeto.

O adestramento do ver¹², tendo em vista que o simples observar a cidade cedeu espaço a um olhar de caça, pretendendo encontrar um possível muro para intervenção artística. Essa espécie de re-educação do olhar e da percepção da paisagem deixou-me em situação de pesquisa “*multi-sited*” (MARCUS, 1994), pois o simples trafegar cotidiano pela cidade torna-se um trabalho de campo: a observação dos muros, dos “*stickers*” espalhados em ônibus e placas, a percepção de um novo “atropelo” e sua resposta, o grafiteiro que tem mais intervenções pela cidade e etc.

Somados a isso, tanto o graffiti quanto a pixação possuem o poder de transformar trajetos antes mal observados e passam a interagir com os transeuntes, bem como se

¹² Nesse ponto é salutar os ensinamentos de Franz Boas (2004a, 2004b) a respeito da relação entre percepção, aspectos exteriores e culturais.

apropriam do espaço público e, muitas vezes, do privado também. O muro torna-se meio de comunicação, nem que seja para transmitir protestos e receber revoltas e acusações de vandalismo. O graffiti, por ser considerada arte, atrai olhares de contemplação e admiração, mas, ainda assim, era enquadrado, até poucos anos atrás, como crime, juntamente com a pixação. Somente com Lei 12.408 de 25 de Maio de 2011 houve a descriminalização do graffiti somente em casos de intervenção autorizada, seja em prédios privados ou públicos.

Diferentemente do que acreditam muitos simpatizantes, o graffiti e a pixação possuem uma linha limítrofe muito tênue em que ambos se encontram constantemente. A pixação é transgressora, não pede autorização; já o graffiti, em sua maioria é autorizado, mas existem ocasiões que eles se tornam ilegais, assim como a pixação. Muitos praticantes do *graffiti* acreditam que uma arte só é verdadeiramente *graffiti* quando sua prática não é autorizada, mas essas conceituações não possuem um consenso, nem entre os próprios grafiteiros, nem pelos teóricos que estudam essa temática. A não autorização torna crimes previstos em lei.

Figura 6 – Graffiti sem autorização.



Foto de autoria: Thyanne Freitas.

Para a “cena “há um esforço em equalizar graffiti e pixação, no sentido em que ambos podem ser criminalizados. Geralmente não há rivalidade, a não ser que a regra do “atropelo” seja quebrada. Percebe-se uma tentativa de respeitar o espaço de cada um.

A vivência com o grupo de mulheres também me trouxe algumas recomendações importantes para a convivência intra/extra grupos. Uma delas é eliminar de alguma forma o pensamento dicotômico, principalmente no que se refere ao graffiti e pixação. Ambos são entrelaçados em comunicações complexas não visível ao “olho destreinado”, tendenciar entre

um ou outro. É preciso buscar a compreensão de que há um fluxo contínuo entre esses dois eixos, portanto, são indissociáveis. A outra questão é que a relação, seja conflituosa ou não, precisa de um movimento de oferta e retribuição, aplicando-se nos casos dos “atropelos”, dos “salves”, da troca de “*stickers*” e de “*sketchbooks*”.

Diante de todos esses acontecimentos destaco que utilizar a experimentação como metodologia trouxe oportunidades de sentir o que, de fato, acontece antes e durante o ato de grafitar. Muitos detalhes a que tive acesso e vivenciei só foram possíveis de serem verificados por eu estar inserida no processo que, se fosse utilizada outra técnica, como a observação, por exemplo, não apareceria a não ser que a pesquisadora estivesse acompanhando as artistas 24h por dia ou poderia surgir nas entrevistas, mas somente se a situação fosse cogitada pelo entrevistador como é o caso delicado da compra de material (e esta é somente uma das questões que não surgem em uma pesquisa distanciada).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do antropólogo com o campo comunica uma construção e uma desconstrução das premissas levadas pelo pesquisador, ou seja, o campo dita os caminhos, pois dificilmente a teoria levada ao campo é completada com a empiria, caso não haja maleabilidade entre a pesquisa e o referencial teórico. Buscando essa flexibilidade teórica, busquei descrever essa experiência vivenciada no meu campo exploratório, tendo em vista que a ideia de experimentação, quando foi proposta (ainda no projeto de mestrado), não tinha um delineamento exato de sua feitura e a resposta veio da pesquisa com essas artistas. Elas e seus fazeres me ofereceram algumas coordenadas. De outra forma, sob a luz de Clifford Geertz (2004), pude ver que grande parte daquilo que o antropólogo é, resulta de sua experiência de campo.

A experimentação não foi escolhida como simples ferramenta de acesso a informações ou uma forma de invenção de campo. A vivência foi oferecida pelo campo e foi aceita, não para adentrar simplesmente em segredos e conflitos, e sim, junto com as meninas me intoxicar com o cheiro do *spray*, ter as unhas cobertas por cores (que não saem facilmente), ter músculos travados e dedos sem força após uma sequência de movimentos repetitivos, ter a pele cada vez mais bronzeada por causa da exposição ao sol nos muros sem sombras, em outras palavras, para ter aproximações com sensações que em uma entrevista eu não conseguiria. O fazer junto, na pintura, no planejamento do “painel”, na compra de material, traz um composto de comunicações que vai além do verbal, constrói afetos.

Cabe ressaltar, que não estou defendendo a exclusividade da experimentação como método para a pesquisa com o graffiti, mas a defendo por acreditar existir diversas maneiras de se alcançar essa dinâmica presente neste campo.

Se o graffiti é um composto de atividades artísticas, elementos de comunicação, performance, substratos “ideológicos”, técnicas, estilos compartilhados entre diversificados sujeitos, enfim uma “cultura” no sentido de Wagner (2012), por que não experienciá-la desta forma?

REFERÊNCIAS

BOAS, F. “Sobre sons alternantes”. In: G.W. Stocking (Org.), **A formação da Antropologia Americana**, 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora UFRJ, 2004a. Pp. 98-104.

_____. “**Os objetivos da pesquisa antropológica**”. In: C. Castro (Org.) *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004b. Pp.87-109.

CAMPOS, R. M. O. **Pintando a cidade**: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

DIÓGENES, G. **A arte urbana entre ambientes**: “dobras” entre a cidade “material” e o ciberespaço. *Etnográfica*[Online], v.19, n.3, 2015.

FREITAS, T. T. Freedas Crew: mulheres livres para pintar. **Revista DR – Divas Revolucionárias** 2, 2015. Disponível em: <<http://www.revistadr.com.br/posts/freedas-crew-mulheres-livres-para-pintar>> Acessado 10/12/2015.

GEERTZ, C. **Observando o Islã**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LEACH, E. R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. “Introdução à obra de Marcel Mauss, por Claude Lévi-Strauss”. In: M. Mauss, **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Pp. 11-46.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss, in **Sociologia e antropologia**. Marcel Mauss, pp. 11-46. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAGNANI, J. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

MAGRO, V. M. **Adolescentes como autores de si próprios**: cotidiano, educação e o HIP HOP. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

MARCUS, G. E. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v.24, p.95-117, 1994.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. 536p, 2003.

SÁEZ, O. C. **Esse obscuro objeto da pesquisa**: um manual de métodos, técnicas e teses em Antropologia. Santa Catarina: Edição do Autor. 224p, 2013.

SILVA, V. **As escritoras de grafite de Porto Alegre**: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte / Eugênia Antunes Dias. - Pelotas, 2008.

SIMMEL, G. **A natureza sociológica do conflito**. In: E. Morais Filho (org.). Simmel. São Paulo: Ática. pp. 122-134, 1983.

ZENOBI, D. O antropólogo como espião: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. **MANA**, v.16, n.2, p.471-499, 2010.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. 294p, 2001.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. Ed portátil. São Paulo: Cosac Naify. 384p, 2012.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

FREITAS, T. T; BONFIM, E. S. **Freedas Crew: Pintando Com um Grupo de Mulheres**. **Rev. FSA**, Teresina, v.13, n.5, art.3, p. 41-60, set./out. 2016.

Contribuição dos Autores	T. T. Freitas	E. S. Bonfim
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X